

GEISA COSTA: A REPRESENTATIVIDADE DE UMA ATRIZ NEGRA NO TEATRO PARANAENSE

Pedro Ramires¹
Maria Gabriela Reis²
Geisa Costa³

Resumo: Entrevista com a artista do teatro Geisa Costa, consagrada atriz do teatro paranaense, realizada no ensejo do Curso de Bacharelado em Artes Cênicas, da Universidade Estadual do Paraná/UNESPAR, para a disciplina de Teatro Brasileiro (2018). Geisa Costa conta como despertou o seu interesse pelas Artes e sua experiência como atriz trabalhando em companhias de teatro da cidade de Curitiba. Ganhadora de dois Prêmios Galha Azul (2002 e 2009) de melhor atriz coadjuvante, revela quem são suas referências e, principalmente, a sua atuação no ativismo como mulher negra e os desafios diante do racismo no exercício artístico. Conta, também, sobre sua experiência no cinema brasileiro, em filme como *Besouro* (2009), de Daniel Tickomiroff. Essa conversa reúne informações importantes como arquivo e memória do teatro negro paranaense.

Palavras-chave: Teatro paranaense; Cinema; Preconceito; Racismo; Mulher negra.

¹ Pedro Ramires é ator (dos palcos, das ruas e do audiovisual), bailarino, modelo e performer. Nascido em Itajubá, Minas Gerais, em 1995, é artista negro afro-indígena. Graduado em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes do Paraná (Unespar – Campus Curitiba II). Foi integrante da Companhia de Dança Contemporânea Juliana Ribeiro, do Coletivo de Teatro Preto Êmí Wá e da Isidoro Diniz Produções. Faz parte da RÁS Companhia de Arte e do Coletivo NÓS. Entre as principais realizações, estão: *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare, com direção de Ana Rosa Tezza, pela companhia Ave Lola (Curitiba, 2024); residência artística *Voo livre - sonho manifesto*, pela Cia. Brasileira (São Paulo, 2024); o espetáculo *Herr der Krähen* (O senhor dos corvos), inspirado na obra do autor Ngugi wa Thiong'o, com direção de Carlos Manuel (Berlim, 2020); atuação no espetáculo *Solo dos Mares*, com direção de Isidoro Diniz e Kátia Drumond (Curitiba, 2020); Projeto Social Jacaúna, de oficina de teatro para crianças e jovens ribeirinhos nas cidades São Paulo de Olivença e Atalaia do Norte, no Amazonas (2020 e 2021); e a performance *Danza Del Jaguar* (Bolívia, 2019). E-mail: pedroramires95@yahoo.com

² Bacharel em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes do Paraná, UNESPAR, com pesquisa sobre questões relacionadas a mulher preta dentro da academia. Atriz, afro-empresadora, figurinista e modelo. Atua no campo da publicidade desde 2013. Realiza pesquisa voltada ao figurino a partir do uso de peças de seu próprio brechó, *Se Garimpô Levô*, e do acervo do Coletivo Brechó das Pretas, onde é cofundadora. E-mail: gabrielareis79@yahoo.com

³ Geisa Costa é atriz londrinense, que atua em Curitiba desde 1993, em áreas como teatro, cinema, produção cultural e narração de histórias. Iniciou a sua carreira em 1981, atuando na peça *Dona Xepa*, com direção de Antônio Saperas. Dois anos depois, estreou no espetáculo *Gota d'água*, de Chico Buarque e direção de José Antônio Teodoro, pelo Grupo Delta. Em seguida, *Toda Nudez Será Castigada*, de Nelson Rodrigues, (1984/1987), com direção de José Antônio Teodoro, espetáculo que permaneceu por quatro anos em cartaz, apresentado em cidades como Cidade do México, San Juan (Porto Rico), São Francisco (EUA) e Porto (Portugal). Em Curitiba, ganhou dois Prêmios Galha Azul de melhor atriz coadjuvante pela atuação em *A Casa do Terror 4* (2002) e *Risos e Lágrimas – A vida de Lala Schneider* (2009). No cinema, destacou-se nos filmes *Cafundó* (2005), de Paulo Betti; *Besouro* (2009), de Daniel Tickomiroff; *Vazante* (2017), de Daniela Thomas. É formada como Tecnóloga em Massoterapia pela Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná (UFPR). É ainda contadora de histórias e facilitadora de oficinas, terapêuticas em escolas, empresas e grupos comunitários.

GEISA COSTA: LA REPRESENTACIÓN DE UNA ACTRIZ NEGRA EN TEATRO DE PARANÁ

Resumen: Entrevista a la artista teatral Geisa Costa, reconocida actriz teatral paranaense, realizada durante la Licenciatura en Artes Escénicas, en la Universidad Estadual de Paraná/UNESPAR, para la disciplina Teatro Brasileño (2018). Geisa Costa cuenta cómo despertó su interés por las Artes y su experiencia como actriz trabajando en compañías de teatro en la ciudad de Curitiba. Ganadora de dos premios Gralha Azul (2002 y 2009) a la mejor actriz de reparto, revela quiénes son sus referentes y, principalmente, su papel en el activismo como mujer negra y los desafíos que enfrenta el racismo en la práctica artística. También habla de su experiencia en el cine brasileño, en películas como *Besouro* (2009), de Daniel Tickomiroff. Esta conversación reúne informaciones importantes como el archivo y la memoria del teatro negro en Paraná.

Palabras clave: Teatro Paraná; Cine; Prejuicio; Racismo; Mujer negra.

A entrevista⁴

⁴ Entrevista realizada no dia 13 de novembro de 2018, na casa da atriz Geisa Costa, como trabalho final da disciplina de História do Teatro Brasileiro, do curso de Bacharelado em Artes Cênicas, da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/FAP.

Uma referência das Artes Cênicas paranaense e dona de uma trajetória de resistência e, também, de muita poesia, Geisa Costa é exemplo e símbolo de esperança para artistas e estudantes negros e negras que desejam conquistar o seu espaço, visibilidade e representatividade no segmento. Num bate-papo regado a bolo, chá e café, ela compartilhou, com muita emoção e carinho, a singularidade de sua história, que se tornou plural na medida em que foi e continua sendo capaz de criar identificação em seus/suas pares. Conversar com Geisa Costa foi um misto de sensações, e acreditamos que esta entrevista será inspiração para muitas vidas negras nas artes cênicas paranaense. Aqui fica a nossa admiração e celebramos a sua existência.

Como foi o seu primeiro contato com as Artes Cênicas e seu processo para se tornar artista?

Geisa Costa: Acho que eu sempre quis ser atriz, já nasci querendo. Nasci em Nova América da Clina, a 60km de Londrina (PR). Não tinha nenhuma referência de teatro, na cidade não havia teatro nem cinema. Nascemos na roça, minha mãe, mineira, veio para o interior do Paraná para trabalhar. Na cidade a única coisa que tinha era, de vez em quando, aquele cirquinho bem simples, com o palhaço passando pela cidade para convidar a criançada. O circo enchia os meus olhos e a alma. Eu sempre era convocada para cuidar das crianças dos artistas do circo, e isso me deixava muito feliz. Afinal, minha mãe tinha oito filhas e sempre que alguém precisava de algum serviço mandavam buscar uma das filhas da Dona Ana. E eu sempre ia. Quando se tratava de algum serviço no circo eu ficava muito contente, porque as crianças tentavam entrar de ratão - como a gente falava -, por baixo da lona e eu cuidando das crianças, não precisava, pois já estava lá dentro. Então, o circo era a única referência que eu tive. Em uma dessas vezes que eu estava cuidando do filho de um casal, o circo já estava sendo desmontado e eles queriam que eu fosse embora com eles, estavam indo para Londrina. Nossa, eu fiquei muito feliz, mas eu tinha que pedir para a minha mãe. E ela disse: “você está louca? Não. Esse povo some no mundo leva você. Nunca mais vai ver a mãe, não vai ver mais ninguém”. Ela não deixou nem eu

voltar mais no circo. Como eu gostava muito do circo e prestava muita atenção, eu juntava várias imagens e ia para o quintal de casa que era bem grande e reproduzia, criava meu próprio circo. Meu pai tinha uma lona que a gente jogava e fazia o circo ali mesmo.

A primeira vez que eu vi uma novela na minha vida, foi *Irmãos Coragem* (1970/1971) e *Escrava Isaura* (1976/1977)⁵. O prefeito montou uma espécie de palquinho e colocou uma TV para a população assistir às novelas. Essa foi a primeira vez que eu vi TV na vida. Na minha ingenuidade, achava que tudo aquilo era realidade. Eu sofria muito com a *Escrava Isaura* porque foi a primeira vez que tive contato com o que foi a escravidão. E com *Irmãos Coragem* eu fiquei muito encantada com a Ruth de Souza⁶, ela começou a fazer parte a minha vida nesse momento. E a Léa Garcia também.⁷

Com treze anos eu fui pra Londrina com a minha irmã. Iniciou-se um outro ciclo, onde vi que ali era possível ser artista. Depois de um tempo, eu comecei a estudar e descobri que existia um curso à distância, ao ler uma revista na casa da família que eu trabalhava. O curso era do Jaime Barcelos, ator, diretor, professor de teatro e televisão.⁸ Eu juntei meu dinheirinho escondido, enviei pelo correio e continuei estudando escondido, e isso foi me incentivando a entrar cada vez mais nesse mundo. Algum tempo depois, descobri o Curso da Secretaria de Cultura de Londrina, comandado pelo Catalão, o professor Sapeiras (Antônio Sapeiras Spaza).⁹ Era uma época de efervescência cultural, um “bum” cultural em Londrina, onde tudo acontecia, música, teatro etc. E esse movimento proporcionava uma proximidade, comecei a fazer o curso da Secretaria de

⁵ “Irmãos Coragem” novela escrita por Janete Clair e dirigida por Daniel Filho, foi produzida e veiculada pela Rede Globo, de junho de 1970 a julho de 1971. E “Escrava Isaura”, adaptação de Gilberto Braga e direção de Herval Rossano e Milton Gonçalves, foi veiculada de outubro de 1976 a fevereiro de 1977.

⁶ Ruth de Souza, atriz considerada a primeira “dama negra” do teatro, do cinema e da televisão brasileira. Teve sua estreia no Teatro experimental do Negro, em *O Imperador Jones*, de Eugene O’Neill, com direção de Abdias do Nascimento, em 8 de maio de 1945, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Por seu desempenho no filme *Sinhá Moça* (1953), dirigidos por Tom Payne, tornou-se a primeira atriz brasileira e negra indicada ao prêmio Leão de Ouro, no festival de Veneza, em 1954.

⁷ Léa Garcia, atriz de teatro, TV e cinema. Brilhou em filmes como *Orfeu Negro* (1958), dirigido por Marcel Camus e estreou na TV Globo em 1970.

⁸ Jaime Barcelos (Rio de Janeiro, 1930-1980) foi ator de teatro, cinema e TV. Em 1978 ganhou o prêmio de melhor intérprete teatral do ano, pela Associação Paulista de Críticos Teatrais. Foi um grande professor de teatro, criando o grupo de formação para atores, e lançou o livro *ABC do Ator* (1975).

⁹ Antônio Sapeiras Spaza viveu em Londrina a partir de 1954 e foi um dos pioneiros do teatro no Município.

Cultura de Londrina, onde também estava começando o Mario Bortolotto.¹⁰ Em Londrina tinham dois grupos grandes, os dois que todo mundo queria estar: um era o Proteu¹¹ o outro era o Delta.¹² O Proteu era um grupo mais revolucionário, mais popular, associado à Secretaria de Cultura da Universidade Estadual de Londrina – UEL. E o Delta era um grupo mais dos “coxinhas”, comandado pelo Teodoro (José Antônio Teodoro)¹³ que era o criador. Muitos participantes de seus cursos relatam que ele foi o melhor professor porque tinha um amor imenso pelo teatro. Suas aulas de história eram contadas de um jeito diferente. Ele viajava muito.

Eu estava fazendo o curso da Secretaria, mas de olho nessas companhias. Para mim era muito distante fazer parte de algum desses grupos. Meu mundo era outro, eu estudava à noite, trabalhava de doméstica de dia, cuidava de criança, lavava, passava. Se quisesse ler alguma coisa era bem escondidinho. Quando o Sapeiras morreu, ficou um sentimento de o que a gente vai fazer com o grupo. Eu trabalhava na casa da Ieda Marques, bailarina e dona do ADANAC (Centro de Dança e Artes), que trabalhava junto com o Delta. Ela fazia os espetáculos do Teatro Ouro Verde¹⁴ e o ADANAC era uma das melhores escolas de Artes, para a elite. Na época, eles estavam montando *Gota D'Água*, de Chico Buarque, e não tinha nenhum ator ou atriz negros no elenco. Imagina, como falar da favela sem um negro! A Ieda, então, falou com o Teodoro e me chamaram para fazer um teste.

Eu fui, fiz o teste, e demorou cair a ficha, tudo para mim ali era uma descoberta. Passei no teste, mas eu não tinha muita pretensão, eu era muito ingênua, na verdade. Comecei a fazer parte do Grupo Delta. E veio *Gota D'Água* (1983) um musical, onde percebi que eu canto mesmo! Aquele espetáculo foi

¹⁰ Mario Bortolotto (Londrina/PR 1962) é ator, diretor, dramaturgo, escritor e compositor. Diretor do grupo Cemitério de Automóveis, hoje com sede em São Paulo.

¹¹ Proteu - Projeto de Teatro Experimental Universitário, grupo criado como atividade de extensão da Universidade Estadual de Londrina/UEL, em 1978 e se manteve em atividade até 1996, iniciativa de Nitis Jacon.

¹² Delta foi um importante grupo de teatro de Londrina, criado em 1978, dirigido por José Antônio Teodoro. A montagem de *Toda Nudez Será Castigada* (1986) teve temporadas em Londrina, São Paulo, Rio de Janeiro, além de representar o Brasil no Festival Latino de Nova York em agosto de 1986, e realizar apresentações no México, Porto Rico, Portugal e Espanha.

¹³ José Antônio Teodoro faleceu em agosto de 1987, aos 34 anos. Foi professor de História, diretor do grupo Delta.

¹⁴ Cine-Teatro Ouro Verde é uma instituição cultural com auditório para sala de cinema, espetáculo de dança, teatro e apresentações musicais. Localizado em Londrina, Paraná, é mantido pelo governo do estado e administrado pela Universidade Estadual de Londrina.

uma luz, foi a minha estreia, no Teatro Ouro Verde, um dos maiores teatros de Londrina. Do dia que eu cheguei em Londrina até a estreia de *Gota D'Água* passaram-se dez anos. O espetáculo só não prosseguiu mais porque o Delta iniciou a montagem de *Toda Nudez Será Castigada* (1984), de Nelson Rodrigues que ficou quatro anos em cartaz. Fomos selecionados para ir para Nova York, para o Royal Shakespeare, representando o Brasil. Eu me tornei atriz do Delta. A única pessoa que me queria muito lá dentro era o diretor. O grupo era amador, mas o Téo [José Antônio Teodoro] instaurava um ar de profissionalismo. Se hoje a gente sofre com preconceito, imagina naquela época. Então, eu estar lá dentro daquele grupo era um ato de resistência. Ouvia certos comentários como: “agora esse grupo está chique demais, tem até empregada doméstica”! O Teodoro me protegia.

Como era a dinâmica de criação das companhias existentes neste período?

Geisa Costa: Naquela época era mais forte, havia mais companhias. Elas simplesmente se formavam. Por exemplo, o Grupo Delírio¹⁵, eram estudantes saídos do TCP (Teatro de Comédia Paraná)¹⁶ que formaram esse grupo. O Delta tinha um curso no qual o Téo, como o professor, absorvia os alunos que iam saindo. E outros criaram seus próprios grupos. Como não havia lei de incentivo, tinha muito mais abertura para correr atrás de patrocínio. Por exemplo, quando fomos apresentar em Nova York, tivemos que correr atrás, pedir patrocínio. Na ocasião, o Teatro Guaíra nos apoiou. Éramos nós que tínhamos que correr atrás mesmo, dependia só da gente. E as apresentações eram sempre lotadas, todo mundo queria ver, éramos vistos como referência. Em 1987, o Téo faleceu e o grupo Delta ficou baqueado. Tentaram continuar, mas não deu certo. O grupo não suportou.

¹⁵ Grupo Delírio, formado desde 1980, na cidade de Curitiba, tendo Edson Bueno como diretor e um dos fundadores do grupo. Destaque para as montagens teatrais: *Um Rato em Família* (1984), *New York por Will Eisner* (1990), *Vermelho Sangue Amarelo Surdo* (2003) e *Metamorphosis* (2005). Tem currículo de vários prêmios, como Galha azul e Potty Lazarotto.

¹⁶ Teatro de Comédia do Paraná é um grupo da Fundação Teatro Guaíra. Formado em 1962, ainda está em atividade, produzindo espetáculos teatrais na cidade de Curitiba..

Quais são as suas referências como mulher negra e artista?

Geisa Costa: Ruth de Souza começou a fazer parte da minha vida ao assistir à novela *Irmãos Coragem*. Ela era amiga do Téo, acho que essa foi a coisa mais maravilhosa que poderia acontecer. Engraçado que quando estamos vivenciando as coisas, não paramos para pensar no que está acontecendo. Conhecê-la foi mágico, a prova que nada acontece por acaso! Nós fomos fazer uma temporada no Rio de Janeiro, apresentávamos para toda a classe artística – composta por todas aquelas pessoas que víamos na televisão, como o Antônio Fagundes, a Henriqueta Briebe¹⁷ (que virou nossa fã número um. Ela estava em todos os espetáculos!). O Téo conversava com a gente, para nos controlarmos, afinal aquelas pessoas que víamos na televisão estavam ali para nos prestigiar. Ele nos orientava que após o espetáculo era para irmos para o camarim, esperar por eles e agir naturalmente. Era para termos consciência que aquelas pessoas eram nossos colegas de trabalho. Um dia, na casa Paschoal [Paschoal Carlos Magno]¹⁸, no Rio de Janeiro, onde ficavam os artistas que saíam em circulação para temporadas, Téo nos falou para nos arrumarmos que ele iria nos levar para conhecer a Ruth de Souza. Chegamos na casa dela, nos sentamos na sala, em seguida ela chega e se sentou conosco. Eu fiquei a observando, bem quietinha, só lembrando, da vez que a vi lá no interior, naquela televisãozinha e agora ela estava ali na minha frente. Eu queria conversar, tinha tanta coisa para falar com ela, mas eu só conseguia ficar admirando! Ela conversou com todos e, às vezes, me olhava. E eu quietinha ali. Num momento, ela parou, olhou para mim e perguntou: “E você? Não vai falar nada?” Respondi que estava escutando. Ficamos mais um tempo no Rio de Janeiro e eu não sei como, mas acabamos ficando amigas. Foi uma energia, uma troca! Ela me convidou para passar uns dias com ela, para participar de um espetáculo, *Tamborins da Glória*, porém não conseguimos patrocínio. Mas eu passei um mês com ela, em sua casa. Até hoje

¹⁷ Henriqueta Briebe (1907-1995) foi atriz e comediante de teatro, TV e cinema no Brasil. Em 1975, ficou conhecida a partir da sua participação na novela *A moreninha*, da TV Globo. E atuou em 33 filmes.

¹⁸ Paschoal Carlos Magno (1906-1980) foi diplomata, autor, diretor e tem um papel fundamental na renovação da cena brasileira. Fundou o Teatro do Estudante do Brasil e o Teatro Duse.

nós mantemos contato.¹⁹ Por carta, porque ela fala que *internet* não é pra ela. Eu ligo, fui lá visitá-la ano passado, hoje ela está com 96 anos. Ruth com certeza foi a minha referência, a primeira mulher negra a pisar no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, uma mulher muito homenageada, com uma vasta história na TV Globo. Ela é a minha referência de mulher negra artista.

Como foi o seu processo para lidar com os preconceitos e estereótipos em relação à mulher negra, no seu ambiente de trabalho?

Geisa Costa: Não foi fácil porque nunca é. Eu ousei estar dentro de grupos de pessoas ricas, onde eu seria no máximo a empregada delas, era outra realidade. Tanto que ninguém do Delta teve essa percepção de que *Gota d'Água* acontece na favela, tem que ter preto. Tinha até japoneses no grupo, mas quando eu entrei fez toda a diferença porque já está no corpo negro essa essência. E ninguém pensou nisso, na época. Foi muito difícil, eu sentia no tratamento das pessoas. E elas tiveram que me engolir. Eu muitas vezes contornava situações, tanto que isso incomodava. “Nossa, ela não vai sair”, os participantes do Delta se perguntavam quando o Téo morreu. Para mim virou um desafio, eu ser a atriz, negra, autônoma que vai conseguir caminhar por si mesma. O Téo me aceitou no grupo porque eu tinha o talento, afinal se ele não gostasse, teria me colocado para fora. E ele percebia essa minha resistência. Uma vez, o Téo comentou: “a pessoa mais resistente aqui é a Geisa porque eu não a vejo reclamar de nada, ela está resistindo”. E já naquele momento saquei todas as coisas dentro do grupo, do teatro, as panelas, os comentários. E criei os meus mecanismos. Hoje eu posso caminhar com as minhas próprias pernas. Ganhei dois Prêmios Gralha Azul, eu estou no teatro há mais de 20 anos. Cheguei em Curitiba em 1993. Nunca me convidaram para fazer nada. Trabalhei com o Fiani [João Luiz Fiani]²⁰. Curitiba tem essa coisa de fingir que a gente não existe, para mim se criou um desafio, você vai ficando, vai ficando, resistindo...

¹⁹ Ruth de Souza faleceu em julho de 2019, alguns meses após esta entrevista.

²⁰ João Luiz Fiani é ator, diretor, produtor e dramaturgo. Responsável pelo empreendimento Teatro Lala Scheneider. Também assumiu o posto de secretário de Cultura do estado do Paraná, no Governo do Beto Richa.

Porque você existe, mas mesmo assim, tentam fingir que não te veem. Não é fácil não. E continua não sendo.

Você falou de sermos – nós artistas negros – invisibilizados. Como foi a sua participação no filme *Besouro*? E o que acha do fato de não ter sido exibido aqui em Curitiba?

Geisa Costa: O *Besouro* foi exibido aqui em Curitiba sim. Quando foi o dia da estreia, todo mundo estava esperando muito. Porque foi feita uma propaganda muito grande. O *Besouro*, que todos os capoeiristas conhecem é o líder dos capoeiristas, fez com que o Brasil inteiro ficasse esperando, criou-se toda uma expectativa. Fiquei confinada três meses para gravação do filme. Eu fiquei muito ansiosa para a estreia. Já tinha tido pré-estreia, em São Paulo, no Rio de Janeiro, nas rodas de capoeiras. Então, quando chegou o dia de estreia nacional, eu fui ao Shopping Mueller, e cadê o filme? Não, não tem. Só tinha um cartaz de divulgação. Saiu até uma matéria no jornal local, sobre o filme, como tinha sido aceito em todas as capitais. No Sul, apenas Porto Alegre aceitou. Então, eu escrevi uma carta, intitulada *E a nossa história como fica?* e joguei nas redes sociais. Houve manifestações, todo mundo ficou com muita raiva, todo mundo queria saber mais sobre o fato. O pessoal da UEL [Universidade Estadual de Londrina] se mobilizou, fizeram um barulhão. Eu escrevi na carta a quantidade de negros que tem no Paraná, que Curitiba ostenta imagem de cidade cultural, tudo o que é aprovado no mundo para girar, precisa ser aprovado aqui, mas quando é um filme da Xuxa tudo bem. A história do nosso povo é silenciada, eu escrevi uma carta bem raivosa pedindo esclarecimentos. Eu queria saber. Por quê? Eu queria uma resposta! O dono da produtora deu uma declaração (que não é bem assim), explicando que quando o filme estreia em outros lugares, a gente tem que esperar... Explicação “chocha”. Depois disso, eles colocaram o filme no Portão [Centro Cultural do Portão]²¹, mas não divulgaram. Eles queriam dizer que o filme estava lá, mas que ninguém foi. E tem gente que até hoje não

²¹ Hoje Espaço Cultural Portão, abriga o Auditório Antônio Carlos Kraide, a Casa de Leitura Wilson Bueno, o Centro de Arte Digital, o Cine Guarani, o Museu Municipal de Arte – MuMA, e salas de exposição e cursos de arte, na cidade de Curitiba.

sabe que o filme veio para cá. O filme já ganhou prêmios na África, muitas professoras estão trabalhando com o filme nas escolas. Tanto que teve um caso de uma professora que foi denunciada por um pai de aluno porque ela estava passando o filme na escola. O pai achou que estavam doutrinando. Essa ideia tacanha que pode falar de religião, mas não de matriz africana. O filme não foi anunciado, ficou pouco tempo e acabou. Eu fui assistir, com o Mestre Ideia que mobilizou o movimento do pessoal da capoeira. Então, o filme saiu logo de cartaz porque não teve público, faltou divulgação.

Você tem um contato muito grande com a população negra afro-brasileira, por meio de artes, pesquisas, vivências, oficinas e contação de histórias em escolas. No seu entendimento, como é a construção de um trabalho onde se aborda toda essa dor que vem dos nossos ancestrais, desses preconceitos que ainda persistem e que antes eram velados e que hoje em dia estão na cara de todo mundo? Como a gente trabalha isso? Porque a sociedade nos coloca em um lugar de vitimista, e de que a questão do negro é “mimimi”, é exagero. Queria saber como é para você, esse lugar?

Geisa Costa: É o que todos nós queremos, afinal, a nossa história não é contada. Ela é pesquisada, então não fica nesse lugar de uma eterna pesquisa. Estamos aqui para aprender juntos, a gente precisa cavoucar, porque se você não sabe a sua história, contam do jeito que querem como fizeram até hoje, do jeito mais cômodo para eles. Eu estou sempre pesquisando e buscando. Quando eu era criança, eu sempre quis saber o que tinha atrás da montanha, eu ficava contemplando, me questionando. Eu perguntava para o meu pai, eu o achava muito sábio, um mineiro. Eu acompanhava muito os movimentos dele. Ele era de uma bondade, de uma sabedoria, era o próprio “preto velho”. Pegava o cigarro – o prazer era mais de enrolar do que de pitar – e eu ficava pensando sobre o que ele estava pensando. Ele pegava o cavalo gaúcho e sumia por trás das montanhas. Quando voltava, montava a fogueira e contava histórias, muitas eu já sabia, mas o prazer maior era ouvi-lo. Eu já descobri muita coisa vendo essas montanhas, e a nossa história ela é bem assim, quanto mais você fuça, mais coisa tem, e quanto mais você fica sabendo, mais você se gosta. Por isso,

quando você tem propriedade, você tem como rebater. Não temos todos os argumentos, mas tudo o que achar é lucro. Até agora podem falar qualquer coisa, mais a partir de um momento que sabe, não podem mais. Uma coisa que eu falo com muita propriedade, foi o texto que escrevi, eu não tenho que negar minhas origens que são os mais ricos saberes. Quando fui estudar Radiestesia, meu pai não sabia o que era isso, mas ele tinha esse poder dentro dessa ancestralidade. Eu sempre quis saber o que tinha atrás da montanha, que tem outra montanha. Estamos tentando nos desconstruir, observar cada gesto. Eu fiz o *Vazante* (2017), filme rodado em Portugal. O filme gerou toda uma discussão no ensejo do Festival de Cinema de Brasília, afinal, trata-se de escravidão, mas não é. Discussão sobre o negro na mídia. É outra realidade a das artistas pretas. Quando eu faço contação de história nas escolas, eu pego uma princesa preta, com um turbante. De forma bem gostosa, faço o amiguinho sair olhando de maneira diferente para coleguinha negra. Só agora a mídia percebeu que nós somos consumidores. Com muita resistência, eu sou atriz. Agora as pessoas estão mais conscientes de suas falas e conquistando espaços.

Figura 1 – Atriz Geisa Costa



Fonte:

<https://www.facebook.com/grupobaqueta/photos/a.2344594698885928/4120366697975377/?type=3>. Acesso em 06 de nov. 2024.